

☞ *Histórias contadas por leitores, mostrando que a experiência não é a única mestra.*

Podemos ensinar os meninos a viver

—III—

Presença de espírito e caridade—

MINHA MÃE era uma pessoa extremamente bondosa. Uma vez, estando nós à mesa de jantar, ela nos mostrou o que é realmente a bondade. Coisa temida por nós era a visita anual do velho afinador de piano, porque o coitado gaguejava de causar dó e, invariavelmente, acontecia ele ficar para uma refeição. Minha mãe nos dissera que nunca deveríamos rir, por mais que os sr. M. gaguejasse. Todas nós, as cinco crianças, tínhamos a melhor vontade de seguir as suas instruções, mas a atmosfera se ia tornando mais e mais tensa, cada vez que ele ficava suspenso numa sílaba. Percebendo que estávamos no ponto de estourar em risadas insopitáveis, quando o sr. M. pediu o «v-v-v-v-v» (que nunca conseguiu chegar a ser «vinagre»), minha mãe veio em nosso socorro com esta exclamação: «Vejam, meninos! Vejam só o que eu fiz. Pus açúcar no picadinho do Ricardo!»

O riso rompeu facilmente, explodindo de cinco pequenas criaturas. Assim, com isso, ela nos ensinou que os elementos da bondade são, não apenas um sentimento resplandecente e caloroso, mas também espírito e imaginação, usados com rapidez e habilidade.

—Sra. Emory Howes.

Arrebetando de orgulho—

QUANDO MINHA IRMÃ e eu tínhamos cerca de sete e nove anos respectiva-

mente, alcançamos as notas mais altas de nossas classes, na escola. Assim, decidimos que, em matéria de «cérebros», nossa família estava muito acima da média—e não perdemos tempo para fazer os nossos companheiros de brinquedos cientes disso. Ao ouvir nossas jactâncias, papai chamou-nos.

Ele tinha enchido uma bola de asso-pro até o tamanho de uma cabeça humana. Gravemente, anunciou-nos que aquela bola era Elmer. Então seguiu-se a história da vida de Elmer, a qual veio a ser uma sucessão de feitos extraordinários. E cada vez que Elmer fazia alguma coisa magnífica, meu pai soprava um pouco mais de ar dentro do balão. Como a história progredia, Elmer ia crescendo a tais proporções, que minha irmã e eu fomos pouco a pouco recuando de junto dele, pressentindo o desastre. De repente, bem no ponto em que Elmer parecia incapaz de suportar mais nada, a história terminou.

«Não é divertido estar muito perto de Elmer, não é verdade?» perguntou papai. «Está tão cheio de si e tem uma cabeça tão grande... Pois foi o que se passou com os seus companheiros em relação a vocês. Vocês estavam tão orgulhosos que se tornaram desagradáveis a eles.»

Até hoje, quando fazemos alguma coisa particularmente envaidecedora, a lembrança de Elmer nos preserva de ficar com a «cabeça grande».

—Adla Mickwee

A balança da equidade—

UMA VEZ, quando cheguei em casa, correndo, para me queixar de Jimmie, meu companheiro de brinquedos, mãe pegou uma velha balança e minha coleção de blocos.

«Agora vamos brincar um pouco com isto,» disse ela. «Primeiro, vamos colocar neste prato da balança um bloco para representar cada um dos defeitos de Jimmie. Conte-me, agora, quais são eles.» Eu os nomeei, e certo número de blocos foram empilhados naquele lado.

«Diga-me agora alguma coisa de bom sobre ele,» acrescentou minha mãe. «Ele não deixa você andar em sua bicicleta? Não reparte seu doce com você?»

«Sim,» admiti, relutante. Ela foi colocando blocos no outro lado, para mostrar seus pontos bons. Eu comecei a rir, ao ver as boas qualidades de Jimmie ultrapassarem seus defeitos.

Através dos anos, esse pequeno incidente de pesagem tem exercido influência sobre os meus julgamentos. Antes de criticar uma pessoa, sempre comparo seus pontos bons com os maus.

—J.L.J.

Ser preguiçosa—

QUANDO ROSINHA, nossa jovem criada, foi despedida, nós, as crianças, não compreendemos porque. Rosinha era tão boa pequena, sempre correndo pela casa desde a manhã até a noite!

«Porque é que Rosinha precisa sair?» perguntei a Vovó.

«Ela não é bastante preguiçosa,» respondeu Vovó, piscando jovialmente os olhos.

Eu fiquei olhando para ela, muito admirada.

«Rosinha não é capaz de fazer a tempo o seu trabalho,» continuou Vovó. «Ela esquece metade dele, andando três vezes para dar conta do que poderia fazer andando uma vez só. Seja preguiçosa, minha filha. Faça uma regra de nunca mover a mão ou o pé, sem tirar o máximo desse movimento. Nunca saia de um quarto sem primeiro verificar o que pode levar para o quarto para onde você vai. Pense bem até achar um meio de abreviar o tempo necessário para um trabalho. Então, você terá bastante tempo para prazer e horas ociosas!»

—Elisabeth Freund

*Concurso*

Terá você qualquer vívida recordação de infância de casos dramáticos ou pitorescos, pelos quais um adulto lhe tenha transmitido alguma verdade que lhe servisse para toda a vida?

Depois de ler «Podemos ensinar os meninos a viver», poderá você enviar-nos um exemplo da sua experiência? Para cada relato que os redatores considerarem digno de publicação, o Reader's Digest recompensará o seu autor com quinze (15) dólares.

O manuscrito não deverá exceder de 250 palavras. Deve ser dactilografado e enviado ao seguinte endereço: Seleções do Reader's Digest (Concurso), Pleasantville, Nova York.